

RACISMO EM DISCURSO: UMA ANÁLISE CRÍTICA E DIALÓGICA DE UMA CHARGE DE ARMANDINHO

Paulo Roberto Stochero

Luiz Guilherme de Brito Arduino

Universidade de Taubaté - UNITAU

Resumo

O presente artigo busca analisar, por uma perspectiva crítica e dialógica o racismo, a partir de uma charge do personagem Armandinho, criado pelo cartunista catarinense Alexandre Beck. Fundamentada nos Estudos Críticos do Discurso (ECD), sobretudo pela abordagem sociocognitiva de van Dijk (2018), sendo uma pesquisa qualitativa de análise interpretativista. Analisa o posicionamento, as falas dos personagens e a estrutura dialógica presente na charge. Reflete como o enunciado mostra uma postura discriminatória e racista, e como esse discurso socialmente perpetrado e aceito na sociedade faz parte de nosso cotidiano inclusive produzindo um grande malefício que é a internalização e naturalização desse fenômeno social. Conclui-se que tal postura racista deve ser percebida, estudada e combatida, sobretudo nos ambientes que protagonizam o processo de ensino-aprendizagem no Brasil.

Palavras-Chave: Racismo; Análise crítica; Discurso; Linguagem não-verbal; Charge.

RACISM IN DISCOURSE: A CRITICAL AND DIALOGICAL ANALYSIS OF A CARTOON BY ARMANDINHO

Abstract

This article seeks to analyze racism from a critical and dialogical perspective, based on a cartoon of the character Armandinho, created by the Santa Catarina cartoonist Alexandre Beck. Grounded in Critical Discourse Studies (CDS), especially the sociocognitive approach of van Dijk (2018), it analyzes the positioning, the characters' speech, and the dialogical structure present in the cartoon. It reflects on how the statement shows a discriminatory and racist stance, and how this socially perpetrated and accepted discourse is part of our daily lives, even producing a great harm: the internalization and naturalization of this social phenomenon. It concludes that such a racist stance must be perceived, studied, and combated, especially in environments that play a leading role in the teaching-learning process in Brazil.

Keywords: *Racism; Critical analysis; Discourse; Non-verbal language; Cartoon.*

RACISMO EN EL DISCURSO: UN ANÁLISIS CRÍTICO Y DIALÓGICO DE UNA CARICATURA DE ARMANDINHO

Resumen

Este artículo busca analizar el racismo desde una perspectiva crítica y dialógica, a partir de una caricatura del personaje Armandinho, creada por el caricaturista catarinense Alexandre Beck. Con base en los Estudios Críticos del Discurso (EDC), especialmente en el enfoque sociocognitivo de van Dijk (2018), se analiza el posicionamiento, el discurso de los personajes y la estructura dialógica presente en la caricatura. Se reflexiona sobre cómo la declaración muestra una postura discriminatoria y racista, y cómo este discurso, socialmente perpetrado y aceptado, forma parte de nuestra vida cotidiana, incluso produciendo un gran daño: la internalización y naturalización de este fenómeno social. Se concluye que dicha postura racista debe ser percibida, estudiada y combatida, especialmente en entornos que desempeñan un papel fundamental en el proceso de enseñanza-aprendizaje en Brasil.

Palabras-clave: Racismo; Análisis crítico; Discurso; Lenguaje no verbal; Caricatura.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca refletir sobre o racismo, a partir da perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso, doravante ECD, obtendo como corpus de análise uma charge do personagem Armandinho, criada pelo cartunista Alexandre Beck.

Alexandre Beck é um cartunista catarinense nascido em 1972, formado em Agronomia e Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas charges são conhecidas no meio artístico brasileiro por abordar temáticas sociais sensíveis. Armandinho é um personagem notório por sua irreverência e sagacidade infantil. Ele aborda temas sociais complexos, utilizando a ironia e outras figuras de linguagem para provocar a reflexão no leitor. O humor do personagem não é gratuito: ele visa questionar o papel do indivíduo na sociedade, expor preconceitos, denunciar privilégios de classe e criticar situações cotidianas que são socialmente normalizadas. Ao associar suas falas perspicazes à imagem do desenho, Armandinho cria uma ruptura de expectativa, surpreendendo e estimulando o público a dar atenção a reflexões sérias.

A charge é um gênero textual de natureza crítica e irônica, que geralmente mescla imagem e texto (como é o caso da charge estudada) para comentar situações

do cotidiano. Nossa análise problematiza o racismo, examinando suas dimensões culturais, socioeconômicas e históricas. Utilizamos as contribuições da Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente a abordagem sociocognitiva de van Dijk (2008), para demonstrar como os discursos atuais ainda reproduzem esse pensamento prejudicial na sociedade.

A compreensão do todo, parte da análise de suas partes constitutivas. Nesse sentido, observaremos o tamanho dos personagens, sua forma de expressão e os papéis sociais que representam. Na charge em estudo, um dos atores sociais presente é o Estado figurado pela imagem do policial, que simboliza a instituição formal responsável por legitimar as ações desenvolvidas ao longo do diálogo. Esse personagem encarna o discurso socialmente aceito. A imagem está desproporcional com o intuito de ilustrar a grandiosidade do Estado, o impacto e a necessidade de cumprir aquilo que ele estabelece. As crianças que são as partes dialogantes e, além de estarem menores, estão numa perspectiva inferiorizada, olham para cima mantendo certa distância.

Nesse sentido, o objeto deste estudo é analisar o racismo no discurso da charge. A construção de sentido da charge ocorre a partir da análise do que é enunciado. Para isso, é possível formular algumas perguntas em relação as falas: o que está sendo dito? De que forma é dito? Há violência implícita no discurso? Essas e outras questões ajudam a compreender os múltiplos sentidos produzidos. No caso específico da charge, o discurso policial apresenta-se de forma imperativa e, simultaneamente, interrogativa: 'E a nota fiscal?'

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem teórica-metodológica com base na abordagem sociocognitiva dos ECD. Com análise interpretativista, busca-se compreender o discurso a partir do gênero discursivo *charge*, que reúne elementos de linguagem verbal e não-verbal sobre o racismo. A partir dos estudos de van Dijk (2018), serão analisadas as falas dos personagens, buscando compreender melhor as relações entre discurso, poder e dominação, percebendo o quanto essas situações estão intimamente ligadas ao racismo.

Nossa reflexão baseia-se na abordagem sociocognitiva de van Dijk (2018) que apresenta uma proposta de análise focada na relação entre estruturas discursivas e

sociais mediadas por uma interface cognitiva que se faz presente no triângulo analítico Discurso-Cognição-Sociedade.

O texto organiza-se em três partes. Na primeira parte, temos a fundamentação teórica, com o desenvolvimento de alguns conceitos chaves do discurso, onde também se faz uma análise sobre o racismo na sociedade brasileira, encerrando com as relações dialógicas do discurso. Na segunda parte, apresenta-se a metodologia e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Por fim, na terceira parte deste artigo, analisa-se o discurso da charge de Armandinho sobre o racismo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Na primeira etapa da pesquisa, são apresentados e discutidos alguns conceitos fundamentais, como discurso, ideologia, prática discursiva, prática social, hegemonia, poder e dominação, com o objetivo de fundamentar a reflexão subsequente sobre o racismo, desenvolvida a partir da análise da charge de Armandinho.

1.1. CONCEITOS CHAVE DO DISCURSO: IDEOLOGIA, PRÁTICA DISCURSIVA, PRÁTICA SOCIAL, HEGEMONIA

O conceito de discurso¹ ocupa um lugar central em nosso estudo, por se tratar de uma abordagem teórico-metodológica de caráter multidisciplinar. Seu foco principal está em compreender como, por meio das falas e das práticas sociais, determinadas ideias buscam se sobrepor a outras. Assim, Pereira, Teixeira e Pereira (2020), ressaltam a essencialidade do discurso para a compreensão de qualquer análise crítica feita num determinado momento histórico, situada em um determinado momento histórico, no qual diferentes linguagens expressam ideias que disputam entre si espaços de significação e poder.

¹ Para van Dijk (2018), o discurso constitui uma prática social articulada às dimensões comunicativa e linguística, abrangendo a interação entre interlocutores e diferentes modos de linguagem, como gestos, textos escritos e representações visuais, a exemplo de desenhos e imagens, que se manifestam em variadas dimensões e significados semióticos (VAN DIJK, 2018).

Um exemplo desse tipo de domínio de ideias, fazendo o uso da manipulação social é o estudo realizado por Arduino e Lopes (2020), em que os autores analisam o discurso, poder e dominação em *fake news* do “Kit gay” nas eleições de 2018, mostrando como a linguagem pode ser uma ferramenta de manipulação e que instrumentaliza a ação das pessoas quando essa está discursivamente construída para atingir um determinado público. Como se trata de dominar e exercer um poder sobre determinado grupo da sociedade, não há uma preocupação com a verdade, pois o enfoque não está na informação, mas na imposição do modelo mental – da mentalidade – do dominador.

Por essa razão no discurso, ideologia, prática discursiva, prática social e hegemonia caminham muito próximas. Elas se constroem de maneira entrelaçadas uma vez que o discurso é a materialização da ideologia, que também ocorre em práticas discursivas que são ações que vão além da fala em si, mas podem estar presentes num desenho, numa obra de arte, numa pichação.

A ideologia está presente de modo imanente em tudo o que fazemos, pensamos e somos. Neste sentido, Junior, Pinheiro e Nascimento (2020) reforçam a noção de que a partir do conceito de ideologia, se faz presente os aspectos simbólicos que orientam nossas práticas e ações na vida em sociedade, assim como as construções de relações que vamos estabelecendo com os outros, ou seja, nossa prática discursiva. É por meio do discurso que ideologias são adquiridas, expressas, implementadas, propagadas, reproduzidas e/ou desafiadas, como apontam Junior, Pinheiro e Nascimento (2020, p.77). Para van Dijk (2005), ideologia pode ser conceituada como sistemas de crenças específicos que podem servir tanto para certos grupos legitimarem a dominação e o abuso de poder, quanto para aqueles que buscam resistir a dominação e opressão de outros grupos sociais.

Já a prática discursiva é uma ação que vai além da fala e da escrita. Embora represente a materialização de uma determinada ideologia, sua manifestação pode ocorrer de diferentes formas, como no texto, na fala ou em uma obra de arte. A principal característica da prática discursiva é a de ser mediadora entre o texto e prática social. Para Silva, Pimentel, Oliveira e Lemos (2020) e Fairclough (2001), a prática discursiva é o processo que antecede a prática social, tendo o texto (que pode ser multissemiótico

e fazendo o uso de diferentes tipos de linguagens), como base. A prática discursiva são os frutos dessa análise, daquilo que emana do texto.

Para van Dijk (2005), o discurso é entendido como uma prática social de comunicação, sendo ideológica e construída a partir de crenças individuais, de grupos sociais e produzidas a partir de um processo cognitivo. Por exemplo, quando um indivíduo profere um discurso homofóbico, ele recorre (inconscientemente) a suas próprias crenças (individuais e sociais) sobre o que é a homossexualidade e a relação consigo. Ainda que um discurso homofóbico não resulte diretamente na morte de uma pessoa homossexual, ele contribui para a legitimação de práticas sociais que podem levar à violência, à exclusão e à dominação.

A partir desse discurso, constrói-se uma visão hegemônica que tende a impor um único modo de pensar, ser e existir. A hegemonia, ao sustentar apenas uma perspectiva de realidade, promove uma distorção, apresentando a parte como se fosse o todo. Nesse sentido, Silva, Maia e Muller (2020) ressaltam a importância de compreender, no interior das estruturas discursivas, como as conclusões são produzidas, ou seja, de que maneira os complexos ideológicos são estruturados, reestruturados, articulados e rearticulados. Tal compreensão é fundamental para que se possa enfrentar, quando necessário, o poder hegemônico presente nos discursos e, assim, fortalecer as bases que possibilitam a pluralização das ideias e a efetivação da democracia.

1.2. DISCURSO, PODER E DOMINAÇÃO

Entre os diversos conceitos que são relevantes para os ECD, compreende-se que o discurso para van Dijk (2002), é “um evento comunicativo específico, em geral, e uma forma escrita ou oral de interação verbal ou de uso da linguagem, em particular” (VAN DIJK, 2002, p. 192). O autor disserta que compreender o discurso é necessário considerar a relação entre as estruturas discursivas, levando em conta o sujeito e o que ele pensa.

Além do discurso, o conceito de poder para van Dijk (2018), é definido como o controle de um grupo ou pessoa sobre outro. Controle no modo de pensar (cognições)

e no modo de ser (cultural). Vale ressaltar que essa busca pode ser legítima e com uma certa assimetria social sempre existiu e existirá na sociedade, como a relação hierárquica de pais e filhos, por exemplo. O problema está quando essa relação de poder é abusiva e passa a ser dominação de um grupo a outro. Nascimento, Gabriel, Júnior e Maciel (2020) afirmam que o poder não emana de um indivíduo isolado mas de um conjunto de relações que compõem a estrutura social e, nesse sentido, o poder se associa a uma força hegemônica em que os efeitos ideológicos de determinados grupos fazem que esses sejam favorecidos em detrimento a outros, iniciando um processo de dominação.

No caso da dominação, Van Dijk (2018) argumenta que o exercício do poder perde a legitimidade anteriormente mencionada, pois não busca promover o crescimento ou a autonomia do outro, mas sim assegurar vantagens e benefícios individuais. Esse controle se estabelece, sobretudo, por meio de recursos simbólicos, como a linguagem e o discurso, entre os quais se insere o racismo analisado neste estudo. Nesse sentido, a dominação configura-se como um uso ilegítimo do poder.

1.3. RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

O racismo não é um fenômeno novo e nem pouco discutido na sociedade brasileira. Trata-se de uma questão estrutural e histórica que atravessa diferentes dimensões da vida social, política e econômica. Apesar de o Brasil ser frequentemente representado como uma nação miscigenada e marcada pela tolerância, a realidade evidencia que o racismo permanece como uma das principais formas de desigualdade e exclusão social, manifestando-se de maneira ampla e persistente em quase todos os aspectos da vida cotidiana.

Para Ribeiro (2019), o racismo é um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um sujeito. A autora disserta que o racismo se faz presente em um sistema estrutural, e que não necessita de intenção para se manifestar, ou seja, manifesta-se mesmo sem que haja uma vontade explícita de discriminar por meio do texto escrito, da fala, dos gestos e das expressões. Almeida (2019) ressalta que o racismo é a manifestação de uma sociedade, se caracterizando, portanto, como

algo que está enraizado, normalizado e não um desvio individual, mas parte da constituição social a partir de anos, décadas e séculos.

O racismo tem suas origens profundas no processo civilizatório brasileiro onde povos de algumas regiões da África foram trazidos como escravos num processo que durou mais de 300 anos, sendo o Brasil, o último país das Américas a abolir oficialmente a escravidão, somente em 1888, mas que perdurou ainda por muitos anos de maneira sistemática e ilegal. Dentre todas as heranças terríveis desse processo, talvez a pior de todas e que ainda sobrevive até hoje, é o racismo.

Dados do IBGE² (2021) corroboram essa visão no campo da Educação, do mercado de trabalho, no processo de violência policial e no sistema judiciário, por exemplo. Quando falamos em Educação formal, os dados mostram que a maioria dos jovens negros tem acesso a escolas de pior qualidade e menor acesso ao ensino superior, embora ações afirmativas como as cotas tenham ajudado a mudar esse cenário. Pessoas negras têm salários menores, mesmo com o mesmo nível de escolaridade e ocupam menos cargos de liderança.

Em relação a violência policial, foco do nosso estudo, percebe-se que a juventude negra é desproporcionalmente afetada pela violência, especialmente em periferias urbanas, como aponta estudos de Costa e Jesus (2025). Como consequência disso, a seletividade penal favorece pessoas brancas e criminaliza mais severamente os negros.

1.4. RELAÇÕES DIALÓGICAS DO DISCURSO

As relações dialógicas do discurso se fundamentam na compreensão de que todo enunciado é atravessado por vozes sociais, históricas e ideológicas, o que reforça a natureza intersubjetiva e situada da linguagem. Essa perspectiva dialógica, herdada principalmente de Bakhtin (2018), encontra nos ECD um campo fértil para a análise crítica do discurso, pois permite investigar como os sentidos são construídos, disputados e naturalizados em práticas discursivas inseridas em contextos culturais específicos.

² Dados disponíveis no site <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca>, acesso em 30 de agosto de 2025.

Assim, os ECD se beneficiam da abordagem dialógica ao evidenciar os embates de poder, as resistências e as multiplicidades de vozes presentes nos discursos, contribuindo para uma análise mais complexa e politicamente engajada da linguagem.

O discurso é por natureza dialógico, uma vez que ele está presente em todas as facetas da vida, as vivências humanas estabelecem-se a partir de relações dialógicas. Faz-se necessário, ao analisar um discurso qualquer, pensá-lo dentro desse contexto, uma vez que, para estudar o discurso e a linguagem, é necessário olhar para tais relações, pois “a linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam” (BAKHTIN, 2018, p. 209).

A concepção sobre as relações dialógicas proposta por Bakhtin (2003) possui certa complexidade e que está explicitada em três dimensões: a primeira, sugere que um diálogo é estabelecido por meio de enunciados direcionados de um sujeito para o outro. A segunda dimensão, recorda que todo enunciado está relacionado com outros ditos anteriormente, todo enunciado possui uma “história”, ele não é essencialmente original, mas construído a partir de outros enunciados e práticas sociais anteriores. A terceira e última dimensão, refere-se às relações dialógicas futuras, ou seja, todo enunciado cria segundo Bakhtin (2003) uma “atitude responsiva ativa”, toda comunicação cria uma expectativa de resposta.

Quando alguém comunica algo, ela espera do outro uma atitude responsiva. Essa resposta pode ser imediata ou ainda levar algum tempo. Porém, sempre provoca uma interação, uma resposta futura do ouvinte (leitor, telespectador etc.), seja por meio do seu discurso ou por meio de seus comportamentos.

Assim, a fundamentação teórica apresentada, é possível perceber que o discurso é constituído por ideologias, práticas sociais e discursivas. As relações de poder e dominação podem ser observadas a partir das interações dialógicas que ocorrem entre grupos sociais. A seguir, a segunda parte do artigo, apresentamos a metodologia e os procedimentos metodológicos de nosso estudo.

2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Fairclough (2012), os Estudos Críticos do Discurso (ECD) são considerados uma abordagem de análise das relações dialéticas entre semioses e outros elementos das práticas sociais. Assim, considerando a perspectiva de análise de Fairclough (2012) e van Dijk (2018), busca-se analisar uma charge do artista catarinense Alexandre Beck, sobre o racismo. A *charge* foi escolhida por apresentar uma linguagem acessível e direta, característica comum e presente nos trabalhos de Alexandre Beck, além de trazer personagens crianças, o que aproxima sua utilização pedagógica, a partir de um público-alvo parecido ao que temos em nossas escolas.

Sendo uma pesquisa qualitativa, com análise interpretativista, a presente pesquisa busca apresentar uma análise de como racismo está presente na vida social, por uma perspectiva crítica e dialógica. O corpus da análise do discurso é a charge do personagem Armandinho, que possui uma linguagem verbo visual.

Como procedimentos metodológicos, este estudo se fundamenta em Bessa e Sato (2018), que apresentam uma análise do discurso a partir de três maneiras de compreensão (semiose): a primeira, como parte da atividade social inserida em uma prática; a segunda, com a atuação nas representações simbólicas, que é o processo de construção social das práticas; por fim, a terceira que atua no desempenho de posições, ou seja, como os sujeitos agem em diversas experiências de vida, produzem desempenhos diferentes, a partir de suas particularidades (sexo, classe social, etnia etc.). Os quadros a seguir sintetizam essa abordagem de análise.

Quadro 01 – Procedimentos metodológicos de análise

Análise 1: A atividade social inserida em uma prática.
Cabe ao analista apresentar os problemas que são evidenciados com vistas a requerer soluções e atitudes emancipatórias por parte daqueles que sofrem desnivelamentos de poder.
Análise 2: O processo de construção social das práticas.
Nessa parte da análise, cabe identificar os obstáculos para que esse problema seja resolvido pela análise das práticas de onde emerge o problema, das relações entre a semiose e os demais elementos da prática.

Análise 3: Análise a partir das particularidades.

Busca-se interpretar o problema identificando onde encontra-se as suas raízes na ordem social, percebendo a formação ideológica que sustenta posições de poder.

Fonte: Bessa e Sato (2018).

3. ANÁLISE DO DISCURSO RACISTA NUMA CHARGE DE ARMANDINHO

Nesta seção de análise, será apresentada uma imagem da charge de Armandinho publicada no site Autossustentável, que é uma produtora de conteúdo especializada em sustentabilidade, atuando há mais de 14 anos no mercado digital brasileiro e que combina comunicação com temas sociais e desafiadores. A charge em questão, oportuniza reflexões críticas sobre o racismo presente em nossa sociedade brasileira, conforme discutido anteriormente.

Imagem 01 – Charge de Armandinho sobre o racismo



Fonte: Disponível em: <https://autossustentavel.com/2024/11/sustentabilidade-sem-inclusao-o-racismo-ambiental-e-a-falta-de-voz-das-minorias.html>>. Acesso em 25 de julho de 2025.

Análise 1: A atividade social inserida em uma prática.

Cabe ao analista apresentar os problemas que são evidenciados com vistas a requerer soluções e atitudes emancipatórias por parte daqueles que sofrem desnivelamentos de poder.

A partir da imagem, percebe-se que o racismo é uma prática, já que percebemos ali uma fala, uma postura interrogativa do policial que no contexto da charge não faz sentido. Não temos uma situação conflitiva, pelo contrário, temos uma cena corriqueira e tranquila, duas crianças carregando suas bicicletas em um ambiente público qualquer, sem nenhuma indicação de conflito, que justifique uma intervenção do Estado.

Uma intervenção natural e esperada seria um simples cumprimento às crianças ou algo do tipo (como um bom dia, boa tarde, oi, tudo bem...). Não há denúncias que motivem qualquer intervenção conforme ocorreu.

Os problemas que são evidenciados na fala do policial ao interpelar as crianças com a pergunta: - E a nota fiscal? É que esse é um tipo de intervenção totalmente descontextualizada para a situação. Podemos enxergar aqui uma relação de poder, não no sentido de cuidado, mas de autoritarismo e que ousamos analisar foi motivada pela perspectiva racista epidérmica, ou seja, pela cor da pele preta da menina presente na charge.

O racismo aqui é evidenciado pela desconfiança gratuita em relação a índole das crianças, sobretudo a negra ou somente por conta dela, uma verdadeira demonstração de abuso de poder. van Dijk (2018) pontua que o abuso de poder significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm, em razão de um status político-apropriativo, são contra os interesses de outrem e que essa violação atinge os direitos sociais e civis das pessoas. A fala do policial, viola o direito civil de não-importunação, por exemplo, que qualquer cidadão goza, sobretudo uma criança e ainda mais sem nenhuma motivação para tal.

Análise 2: O processo de construção social das práticas.

Nessa parte da análise, cabe identificar os obstáculos para que esse problema seja resolvido pela análise das práticas de onde emerge o problema, das relações entre a semiose e os demais elementos da prática.

Nessa segunda parte de análise, onde visualiza-se a construção social das práticas, ressaltamos como as falas das crianças corroboram ou são combativas em relação ao racismo.

A fala do menino, imperativa e demonstrando surpresa e até uma certa revolta:

- Sim! Claro que são nossas! É uma demonstração que materializa o problema ali apresentado de modo velado. O racismo não é apresentado de maneira explícita. Não há uma acusação policial dizendo que as bicicletas são roubadas, que as crianças roubam, nada disso. Mas uma postura de cobrança, a partir do pedido da nota fiscal que leva a desconfiança de que aquelas crianças não são honestas e que há algum problema com aquelas bicicletas.

Essa prática discursiva de desconfiança emerge um problema estrutural grave, o racismo aqui é percebido nas relações de sentido (semiose) e nas posturas que as crianças apresentam. O menino, branco, não vê legitimidade nessa pergunta, não há relação que justifique tal questionamento para duas crianças, por isso ele retruca o questionamento do policial, com uma fala interrogativa e irônica, refazendo a mesma pergunta num tom surpreso, desafiador e sem medo: - “Nota fiscal?”

A fala seguinte, identifica os obstáculos do racismo analisando práticas de onde emerge o problema, pois ao perguntar: - Mas quem ia carregar uma nota fiscal? O menino está tendo uma postura que evidencia a prática racista do policial. Não faz parte do universo infantil que crianças andem com notas fiscais de seus brinquedos, bicicletas ou qualquer outro bem material. Não existem leis que nesse contexto da charge exija tal pedido. Não há denúncias de roubo, nesse caso, a serem apuradas, logo, a desconfiança é uma demonstração de preconceito.

Análise 3: Análise a partir das particularidades

Busca-se interpretar o problema identificando onde encontra-se as suas raízes na ordem social, percebendo a formação ideológica que sustenta posições de poder.

Neste momento, propõe-se analisar as especificidades do racismo presentes nas falas de cada personagem da charge, observando de que maneira determinada ordem social e seus grupos foram se constituindo ideologicamente, bem como como essas visões contribuem para sustentar, perpetuar ou, em alguns casos, contestar as relações de poder.

Quando a menina preta, mostra a nota fiscal com a afirmação: - Aqui Senhor! Ela demonstra que internalizou o discurso racista. Acostumada a sofrer preconceitos e desconfianças, a saída, nesse caso, foi a submissão ao poder vigente e hegemônico. Outras vias possíveis como a militância e a revolta, podem até ocorrer, mas não é o caso nesse momento a partir da fala dessa criança.

Aliás, essa postura é muito comum na história de nosso país, desde as políticas de embranquecimento, no pós-escravidão ou em falas onde subentende-se uma primazia da cultura eurocêntrica sobre as demais, sobretudo em relação a cultura africana e indígena em nosso país. O conceito de embranquecimento refere-se a um processo, simbólico, social, político ou até biológico, de aproximação de grupos racializados (principalmente pessoas negras e indígenas) ao ideal de “brancura” como padrão de superioridade, beleza, civilização e status. Esse conceito está ligado ao racismo estrutural e à tentativa histórica de apagar identidades não brancas em favor de uma homogeneização cultural branca.

A fala da menina preta é a internalização do medo e da necessidade de legitimar suas ações a toda hora. Como se ela estivesse o tempo todo sob a égide da desconfiança pelo fato de ser negra.

A fala do menino, não chega ser uma fala antirracista, mas é uma fala que demonstra, denuncia uma situação desnatural, ele só não concorda com as exigências e pedidos policiais, como demonstra que tais discursos e posturas não tem relação com um tratamento minimamente digno e humano. Nesse sentido, pode ser identificado

como um discurso socialmente empático e que tem suas raízes numa busca cidadã e democrática de convivência civil.

Por fim, a fala do policial é a materialização – por meio do discurso – do ato de racismo, uma vez que um ato discursivo não precisa ser explícito, com ofensas e xingamentos claros. Ele pode ser sutil, que aliás é a marca do racismo em nossa sociedade.

A sutileza do racismo se refere às formas veladas, indiretas e muitas vezes imperceptíveis com que o racismo se manifesta, especialmente em sociedades que já não toleram abertamente comportamentos discriminatórios. Esse tipo de racismo pode ser confundido com o chamado racismo estrutural ou institucional, muitas vezes travestido de normalidade, piada ou preferência pessoal. Em nosso caso, numa pergunta, aparentemente inocente, mas carregada de preconceito. Pedir a nota fiscal de um produto a alguém, é, indiretamente, questionar se tal pessoa é dona de tal produto, ou seja, questionar a índole, a honestidade dessa pessoa e quando isso ocorre na frente dos demais temos ainda o fator de exposição de tal pessoa, tratando-se de uma criança isso torna o discurso mais violento ainda.

Pensando o triângulo de van Dijk (2018) Discurso, cognição e sociedade, percebemos o racismo no Discurso quando se manifesta por meio de fala, textos, mídias, leis, piadas, manchetes, discursos políticos, entre outros. Na Cognição, quando envolve estereótipos racistas e preconceitos que são aprendidos socialmente e reforçados ao longo do tempo envolvendo ideologias racistas, muitas vezes implícitas, que sustentam desigualdades e discriminações como se fossem naturais ou justificadas. Na Sociedade percebemos o racismo enraizado em estruturas sociais desiguais, como o acesso desigual à educação, saúde, moradia e emprego.

À luz das relações dialógicas, conforme Bakhtin (2018), o racismo pode ser observado na charge por meio do preconceito racial construído e sustentado pela linguagem nas interações sociais entre os personagens. As relações dialógicas do discurso constituem o princípio fundamental de toda linguagem, compreendida como essencialmente interativa e social. Nessa perspectiva, o racismo manifestado em uma fala revela-se como resultado de uma construção preconceituosa, sendo, ao mesmo tempo, resposta a enunciados anteriores e antecipação de enunciados futuros. Assim,

o sentido de qualquer texto ou fala (enunciado) emerge da interação entre vozes próprias e alheias, não existindo de forma isolada.

Desse modo, as relações dialógicas configuram a essência da comunicação humana na concepção do Círculo de Bakhtin, ao enfatizar a linguagem como um fenômeno social e colaborativo. Torna-se, portanto, imprescindível reconhecer o racismo presente em nossa linguagem como condição necessária para seu enfrentamento. Retomando Pereira, Teixeira e Pereira (2020), observa-se que a educação formal também desempenha papel central nesse combate, uma vez que as diferentes linguagens, segundo os autores, expressam ideias que disputam entre si espaços de significação e poder.

As ideologias presentes nas falas dos personagens reforçam, conforme apontam Junior, Pinheiro e Nascimento (2020), os aspectos simbólicos que orientam nossas práticas e ações na vida em sociedade, isto é, nossa prática discursiva. Aquilo que cada ator social enuncia evidencia a importância de compreender como as conclusões são produzidas no interior das estruturas discursivas. Nesse sentido, Silva, Maia e Muller (2020) destacam que a compreensão dessas estruturas é fundamental para o enfrentamento do poder hegemônico presente nos discursos, fortalecendo as bases que possibilitam a pluralização de ideias e a efetivação da democracia, processo que deve ocorrer, de modo privilegiado, nos espaços educacionais e formativos.

Embora o racismo deva ser combatido em todos os contextos, é na escola que esse enfrentamento assume um caráter especial. Nascimento, Gabriel, Júnior e Maciel (2020) afirmam que o poder não emana de um indivíduo isolado, mas de um conjunto de relações que compõem a estrutura social. Nessa lógica, o poder associa-se a uma força hegemônica cujos efeitos ideológicos favorecem determinados grupos em detrimento de outros, dando início a processos de dominação. Cabe, portanto, à escola reconhecer esse fenômeno e promover a conscientização sobre como, onde e de que maneira ele se manifesta.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo investigar o racismo a partir uma charge do personagem Armandinho, do artista catarinense Alexandre Beck. Como resultados percebe-se que as imagens e as falas dos personagens elucidam a prática do racismo como uma ação presente em nossa sociedade.

Por meio da análise, nota-se as relações entre o discurso e o contexto social em que as falas dos personagens (o policial, o Armandinho e a menina negra) são ditos e de como eles apresentam visões de mundo acerca do racismo. Seja da demonstração racista, nas posturas e fala do policial, da internalização do racismo, nas posturas e fala da menina e da compreensão e denúncia desse processo na fala e postura de Armandinho.

Este texto é relevante para todos que desejam analisar as causas e circunstâncias do racismo, especialmente sob a perspectiva das linguagens visuais. A análise visual constitui uma ferramenta importante para os Estudos Críticos do Discurso (ECD), sendo fundamental para interpretar problemas sociais brasileiros. Toda abordagem acadêmica é bem-vinda para enriquecer a reflexão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ARDUINO, L. G. de; LOPES, M. O. Entre a Comunicação e o Discurso: poder e dominação em fake news do “Kit Gay” nas eleições presidenciais de 2018. In: RIBEIRO, A. T. (org). **Inovação, comunicação e tecnologia**: arranjos e mutações em contexto de sociedade da informação, 1. Ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BESSA, D; SATO, D. T. B. Categorias de análise. In: BATISTA JR, J. R. L. B; SATO, D. T. B; MELO, I. F. de. **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2018.

COSTA, L. A. O; JESUS, T. A. C. Reconhecimento pessoal e seletividade penal: uma análise acerca da necessidade da estrita aplicabilidade do rito previsto no Código de

Processo Penal. **Revista Brasileira de Direito Processual Penal**, vol. 11, n. 1, e1125 jan./abr. 2025. <https://doi.org/10.22197/rbdpp.v11i1.1125> Acesso em 30 de setembro de 2025.

FAIRCLOUGH, N; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, vol. 25, n. 2, p. 307 a 329, 2012. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728>. Acesso em 30 de setembro de 2025.

GÓMEZ, A. C; et al. Prática Social. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

JÚNIOR, A. S. da S; PINHEIRO, G. C; NASCIMENTO, I. de S. Ideologia. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

NASCIMENTO, C. F. S. do; GABRIEL, G. A; JÚNIOR, H. F. de S; MACIEL, I. C. da S. Poder. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

PEREIRA, A. da S; TEIXEIRA, L. M. S; PEREIRA, R. S. Discurso. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SILVA, A. L. do N; PIMENTEL, A. M. R; OLIVEIRA, A. D. C. de; LEMOS, C. de P. Prática discursiva. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SILVA, F. D. B. da; MAIA, K. W. de M; MULLER, R. G. Hegemonia. In: IRINEU, L. M. (org.) et al. **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**, 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. Org. Judith Hoffnagel, Karine Falcone. São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, T. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4º ed. São Paulo: Contexto, 2002.

Paulo Roberto STOCHERO

Mestrando em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, especialista em Educação: História, Cultura e Sociedade pela Universidade de Taubaté, bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana e graduado em Filosofia pelo Centro Educacional de Brusque. Professor de Filosofia, Sociologia e História no Ensino Médio da rede pública estadual paulista e Professor da disciplina de Ensino Religioso no Ensino Fundamental II da rede municipal de ensino de Taubaté. Contato: paulostochero@hotmail.com

Luiz Guilherme de Brito ARDUINO

Doutor em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, especialista em Comunicação, Semiótica e Linguagens Visuais pelo Centro Universitário Braz Cubas e graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Taubaté. Professor e Pesquisador no Mestrado Acadêmico de Linguística Aplicada (stricto sensu) e na graduação nos cursos de Comunicação e Negócios da Universidade de Taubaté. É um pesquisador multidisciplinar atuando nas seguintes áreas: Design e Linguagem Gráfica; Design e Sociedade; Gestão de Marcas; Criação de conteúdo para as Mídias Sociais; Narrativa Transmídia; Desinformação na era digital; Divulgação Científica; Ficção seriada; Análise Dialógica do Discurso (ADD) e Estudos Críticos do Discurso (ECD). É membro do Grupo de Pesquisa em Linguagens, conteúdos educacionais e mídias contemporâneas; do Grupo de Estudos Críticos do Discurso e do projeto de pesquisa INTEGRAR: Leitura Crítica do Discurso e das Mídias Contemporâneas, ambos pela Universidade de Taubaté. Contato: luiz.gbarduino@unitau.br Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6997590117371265>

Recebido em: 05. jan.2026

Aprovado em: 22.fev.2026